



COMPUTADORES E CARTEIRAS QUEBRADOS FORAM AMONTOADOS EM UMA SALA DO CEF 24 DE CEILÂNDIA

Quanto mais distante, pior

Se na área central de Brasília existem situações como a do colégio Caseb, os problemas se multiplicam nas cidades mais afastadas do Plano Piloto. No Centro de Ensino Fundamental (CEF) 24 de Ceilândia, o alambrado de proteção do segundo piso está todo danificado. Os buracos na tela deixam pontas de arames enferrujadas soltas. Todas as salas têm vidraças quebradas e há infiltração no teto. Não existem extintores de incêndio e os hidrantes não têm mangueira.

Em volta da escola, o perigo está no chão. A canaleta de escoamento da água da chuva não tem tampa. O buraco, com cerca de 1m de profundidade por 30cm de largura, fica no caminho para as quadras de esportes. Além disso, existe um buraco no muro, por onde poderia passar até um carro, que permite o acesso de pessoas estranhas. A diretora da escola acaba de assumir o cargo e não quis dar entrevista. Disse apenas ter feito um relatório sobre as deficiências e encaminhado à Regional de Ensino.

O Centro Educacional 7, em Ceilândia Norte, tem tudo para ser um grande pólo de formação de atletas. Há três quadras de esportes e uma pista de atletismo, onde treinaram Clodoaldo Silva e Marilson Gomes, grandes nomes do atletismo brasileiro. O problema é que a estrutura está deteriorada. As quadras não têm cobertura e o piso de duas delas está irregular e precisa de pintura. A pista de atletismo é coberta por brita, material inadequado para a prática do esporte.

Além disso, o local é diariamente invadido por pessoas da comunidade durante o período de aula. O muro da escola tem pelo menos quatro buracos. Ano passado, a direção suspendeu as aulas de educação física por considerar que alunos e professores corriam risco. "Os estranhos tomavam a bola dos meninos, se negavam a sair da quadra, se misturavam aos estudantes e invadiam e depredavam a escola. Tivemos de colocar grades e cadeados, separando o pátio das quadras de esporte", relatou a diretora Maria José Fernandes.

O tempo passou, mas não a insegurança. Enquanto a professora esperava a chave para levar as crianças para a educação física, um dos alunos, de 11 anos, falou baixinho: "Tia não abre o portão porque lá fora tá cheio". Mesmo assim, os alunos foram levados para as quadras. A professora passou a aula pedindo aos intrusos para deixarem o local.

Calorão

Na Escola Classe do Varjão, nem os ventiladores de teto amenizam o calor dentro da sala de aula. Isso quando eles funcionam. As paredes são de placas pré-moldadas e o telhado, de amianto. A ferragem das pilastras de concreto está exposta porque o cimento caiu. Segundo funcionários, a falta de água e de luz é constante por causa da precariedade das redes elétrica e hidráulica. "Além de tudo isso, faltam coisas básicas: papel, matriz, giz. Haja criatividade para melhorar a qualidade do ensino", completou a professora Jacinta de Medeiros Nobre. (AB)